



Universidade de Brasília

Ministério da Educação

Centro de Estudos Avançados Multidisciplinares

Centro de Formação Continuada de Professores

Secretaria de Educação do Distrito Federal

Escola de Aperfeiçoamento de Profissionais da Educação

Curso de Especialização em Coordenação Pedagógica

A AVALIAÇÃO FORMATIVA E O ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA: DESAFIOS E PERSPECTIVAS

MARIA LUCIA RODRIGUES DOS REIS

Professora-orientadora Dra Edileuza Fernandes da Silva
Professora monitora-orientadora Mestre Enilvia Rocha Morato Soares

Brasília (DF), Maio de 2013

MARIA LUCIA RODRIGUES DOS REIS

**A AVALIAÇÃO FORMATIVA E O ENSINO DE
LÍNGUA PORTUGUESA: DESAFIOS E PERSPECTIVAS**

Monografia apresentada para a banca examinadora do Curso de Especialização em Coordenação Pedagógica como exigência parcial para a obtenção do grau de Especialista em Coordenação Pedagógica sob orientação da Professora-orientadora Dra Edileuza Fernandes da Silva e da Professora monitora-orientadora Mestre Enilvia Rocha Morato Soares.

TERMO DE APROVAÇÃO

MARIA LUCIA RODRIGUES DOS REIS

A AVALIAÇÃO FORMATIVA E O ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA: DESAFIOS E PERSPECTIVAS

Monografia aprovada como requisito parcial para obtenção do grau de Especialista em Coordenação Pedagógica pela seguinte banca examinadora:

Dra Edileuza Fernandes da Silva -
UnB/SEEDF

(Professora-orientadora)

Mestre Enilvia Rocha Morato Soares–
UnB/SEEDF

(Monitora-orientadora)

Profª. Mestre Vânia Leila de Castro Nogueira
UnB/SEEDF
(Examinadora externa)

Brasília, 18 de maio de 2013

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho ao meu esposo Mario Lúcio e aos meus filhos Bruno e Breno, que me incentivaram nos momentos de desânimo, pois sem dúvida contribuíram dando-me força e coragem para vencer mais esse grande desafio.

A Professora-orientadora Mestre Enilvia Rocha Morato Soares, pelo seu excelente auxílio e dedicação nas horas difíceis da minha trajetória.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus por esta oportunidade concedida de realizar este grande sonho.

A minha Professora-orientadora Mestre Enilvia Rocha Morato Soares, que com seus ensinamentos, esclarecimentos, contribuição e muita competência orientou-me na elaboração desta monografia.

A professora colaboradora do estudo e a todos os alunos do 8º ano que direto e indiretamente colaboraram para a construção deste trabalho.

O valor da avaliação encontra-se no fato do aluno poder tomar conhecimento de seus avanços e dificuldades. Cabe ao professor desafiá-lo a superar as dificuldades e continuar progredindo na construção dos conhecimentos. (Luckesi, 1999)

RESUMO

O presente trabalho, elaborado a partir de estudos que se ocuparam especialmente da avaliação das aprendizagens dos estudantes teve o propósito de contribuir para reflexões que envolvem desafios e perspectivas associadas à prática avaliativa formativa no ensino da língua portuguesa. O estudo foi realizado em uma instituição pública de ensino da cidade de Santo Antônio do Descoberto-GO e os dados foram levantados em campo por meio da observação, análise documental e aplicação de questionários. A análise foi fundamentada por autores como André; Luckesi; Hoffmann e Villas Boas, se evidenciou que a avaliação desenvolvida pela professora colaboradora do estudo ainda carece de aspectos que a caracterizem como formativa, destoando do que está estabelecido no Projeto Político Pedagógico da escola pesquisada. Desvelou ainda que esse modo de avaliar contribui para a construção de percepções, pelos estudantes, equivocadas quanto ao sentido da avaliação como recurso auxiliar do progresso de suas aprendizagens.

Palavras chaves: avaliação formativa, práticas avaliativas, aprendizagem

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	09
1. AVALIAÇÃO CLASSIFICATÓRIA X AVALIAÇÃO FACILITADORA DA APRENDIZAGEM	10
2. UMA NOVA PROPOSTA AVALIATIVA: UM DESAFIO PARA O EDUCADOR.....	14
3. A AVALIAÇÃO E O ENSINO DA LÍNGUA PORTUGUESA	17
4. O CAMINHO PERCORRIDO	19
4.1. Abordagens Qualitativas	19
4.2. Sujeitos	19
4.2.1. Alunos.....	20
4.2.2. Professora.....	20
4.3. Instrumentos para levantamento de Dados	21
4.3.1. Questionário.....	21
4.3.2. Observação.....	22
4.3.3. Análise documental.....	22
4.4. Campo de pesquisa	23
4.4.1. Escola	23
4.4.2. Estrutura Física	24
5. ANÁLISE DE DADOS COLETADOS	25
5.1. A Escola, seu projeto e sua prática.....	25
5.2. As concepções de avaliação da professora de Língua Portuguesa.....	27
5.3. O aluno e seus anseios frente à avaliação	30
CONSIDERAÇÕES FINAIS	34
REFERÊNCIAS	36
.....Apêndice	39
.....Apêndice A	39
.....Apêndice B	41

INTRODUÇÃO

O interesse inicial para a realização desta pesquisa foi motivado por experiências pessoais e profissionais com a avaliação escolar, tendo em vista o convívio frequente com professores extremamente tradicionais, que valorizam a reprodução mecânica e repetitiva como meio de aprendizagem, tendo testes e provas como principal meio de avaliação dos estudantes.

Outro motivo é o fato de estar atualmente acompanhando o processo avaliativo desenvolvido pelos professores da escola onde atuo e, por isso, percebê-la como um obstáculo ao desenvolvimento de uma prática pedagógica inclusiva. Incômodos como esses suscitaram a necessidade de buscar compreender como os professores percebem a aprendizagem de seus alunos, suas dificuldades, necessidades e competências por meio das avaliações que realizam.

Considerando que a avaliação no contexto escolar constitui-se, de um sistema complexo, uma prática educativa geradora de muitos desafios e dificuldades, incluindo o processo avaliativo realizado no ensino de Língua Portuguesa, o presente estudo tem como objetivo geral, compreender como são avaliadas as aprendizagens de Língua Portuguesa em uma turma de 8º ano do ensino fundamental em uma escola municipal da rede pública de ensino da Cidade de Santo Antônio do Descoberto – GO e em que medida a prática avaliativa da professora responsável pela disciplina está em consonância com o que está proposto no PPP da escola.

Visando uma melhor estruturação dos trabalhos de pesquisa, elegem-se como objetivos específicos: Analisar as concepções de avaliação da aprendizagem da professora de língua portuguesa da turma investigada; conhecer os principais instrumentos avaliativos utilizados pela professora de Língua Portuguesa da turma participante do estudo; entender a articulação da prática avaliativa da professora participante da pesquisa com o PPP da escola e compreender o que os alunos pensam a respeito da avaliação da aprendizagem.

1. AVALIAÇÃO CLASSIFICATÓRIA X AVALIAÇÃO FACILITADORA DA APRENDIZAGEM

Segundo Chueiri (2008, p. 51) “a avaliação se faz presente em todos os domínios da atividade humana. O “julgar”, o “comparar”, isto é, “o avaliar” faz parte do cotidiano.”

Avaliar constitui-se, dessa forma, uma tarefa constante também no trabalho docente. Afigura-se ainda como uma necessidade fundamental do processo ensino-aprendizagem, tanto para o professor, quanto para o aluno, uma vez que oportuniza a ambos verificar os progressos e necessidades de aprendizagens, confrontá-los com os objetivos propostos e reorientar trabalhos os com base nos dados coletados.

Diferente disso, Villas Boas (2008, p.33) enfatiza que, “Quando se apresenta os resultados insatisfatórios do desempenho estudantil, geralmente não se questiona a avaliação.”

A autora supracitada atribui parte desempenho escolar insuficiente ao modo como se avalia, afirmando que “[...] a avaliação classificatória pode ser um dos fatores que têm contribuído para o insucesso do aluno, do professor e da escola. Ela está tão impregnada na cultura escolar que se torna extremamente difícil libertar-se dela.”

Desse modo, observa-se que a avaliação tem um papel essencial dentro da educação a partir do instante em que se percebe que ela pode, ao invés de contribuir para as aprendizagens dos estudantes, prejudicá-los, levando-os ao fracasso. A avaliação deve, portanto, configurar-se como auxiliar do ensino, ou seja, servir como suporte para que o professor reflita a sua prática pedagógica em sala de aula nos aspectos em que deve ser modificada para melhor ensinar

Ainda segundo Villas Boas (2008)

[...] avaliação que valoriza o aluno e sua aprendizagem e o torna parceiro de todo o processo conduz à inclusão e não à exclusão. Esse é o papel da avaliação formativa. [...] Contrariamente à avaliação classificatória, a formativa promove a aprendizagem do aluno e do professor e o desenvolvimento da escola, sendo, portanto, aliada de todos. Despe-se do

autoritarismo e do caráter seletivo e excludente da avaliação classificatória. (VILLAS BOAS, 2008, p. 33).

Assim, parece certo dizer que a avaliação classificatória tem função primordialmente somativa e seletiva, ou seja, medir e classificar o aluno por meio dos resultados obtidos em provas e/ou testes utilizados com o intuito de verificar o quanto o aluno foi capaz de assimilar os conteúdos trabalhados.

Em outra perspectiva, o professor deve oferecer ao aluno oportunidades de refletir sobre o mundo em que está inserido, construindo atividades que possibilitem a formulação e reformulação de hipóteses, favorecendo assim o avanço de suas aprendizagens. Neste contexto, pode-se afirmar que o aluno é sujeito ativo, dinâmico e participante da construção de seu próprio conhecimento.

Segundo as Diretrizes de Avaliação (SEDF, 2008, p. 19, apud Hoffmann)

[...] conceber e nomear o 'fazer testes', o 'dar notas', por avaliação é uma atitude simplista e ingênua! Significa reduzir o processo avaliativo, de acompanhamento e ação com base na reflexão, a poucos instrumentos auxiliares desse processo, como se nomeássemos por bisturi um procedimento cirúrgico. (SEDF, 2008, p. 19, apud HOFFMANN p. 19).

De acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais – PCN -(BRASIL, 1997), Deve-se ter em mente que a principal finalidade da avaliação é ajudar os educadores a planejar a continuidade de seus trabalhos, ajustando-os ao processo de aprendizagem de seus alunos, buscando assim oferecer-lhes condições de superar obstáculos e desenvolver o autoconhecimento e autonomia e nunca de classificar-los.

Ainda com base nos Parâmetros Curriculares Nacionais (1997)

A avaliação, ao não se restringir ao julgamento sobre sucesso ou fracasso do aluno, é compreendida como um conjunto de atuações que tem a função de alimentar, sustentar e orientar a intervenção pedagógica. Acontece contínua e sistematicamente por meio da interpretação qualitativa do conhecimento construído pelo aluno. Possibilita conhecer o quanto ele se aproxima ou não da expectativa de aprendizagem que o professor tem em determinado momento da escolaridade, em função da intervenção pedagógica realizada. Portanto, a avaliação das aprendizagens só pode acontecer se forem relacionadas com as oportunidades oferecidas, isto é, analisando a adequação das situações didáticas propostas aos conhecimentos prévios dos alunos e aos desafios que estão em condições de enfrentar. (BRASIL, 1997, p. 55).

Desta forma, pode-se dizer que a avaliação auxilia o professor com elementos para uma reflexão contínua sobre sua prática, deve fazer parte da rotina da sala de aula e ser utilizada sistematicamente como recurso complementar do processo ensino-aprendizagem.

Segundo as Diretrizes de Avaliação (SEDF, 2008)

Os conteúdos trabalhados na instituição educacional precisam ser abordados de forma que todos aprendam, cabendo aos professores a tarefa de viabilizar aprendizagens significativas, incluindo-se o desenvolvimento das habilidades, valores e atitudes. Consequentemente, a forma de ensinar e de avaliar os conteúdos permitirá ao aluno uma visão ampliada das diversas relações estabelecidas entre os componentes curriculares e as áreas do conhecimento, e da função que elas assumem na sua formação. Espera-se, portanto, que o processo de avaliação desvele ao aluno o que ele aprende e como ele aprende, para que o mesmo desenvolva a confiança em sua forma de pensar, de analisar e de enfrentar novas situações. (SEDF, 2008, p.19).

Hoffmann (1993, p. 13) reitera a defesa de uma avaliação que contribua para a autonomia dos estudantes ao afirmar que “[...] não se pode considerar como competente uma escola que não dá conta sequer do alunado que recebe, promovendo muitos alunos à categoria de repetentes e evadidos”. A avaliação ocupa importante papel nesse contexto, uma vez que pode determinar o futuro escolar de muitos estudantes.

Analisando as concepções pedagógicas que permeiam a avaliação realizada no contexto escolar, observa-se que desde o século XVI os exames e as provas são bastantes presentes e predominantes na prática avaliativa de muitos professores, ou seja, existe uma cultura já estabelecida de avaliação, fortemente voltada para a classificação, para a seletividade e para a reprovação. (CHUEIRI, 2008).

Chueiri, (2008, apud, Dias Sobrinho), acrescenta ainda que nas primeiras décadas do século passado, avaliar se confundia com medir:

Embora consideremos hoje importante distinguir avaliação e medida, naquele momento, esses termos se tomavam um pelo outro. A avaliação era eminentemente técnica, consistindo basicamente em testes de verificação, mensuração e qualificação de resultados. (CHUEIRI, 2008, apud, DIAS SOBRINHO p.55).

Desse modo, observa-se a necessidade de uma prática avaliativa que leve em consideração o aluno como um todo, superando a ideia de verificação do

conhecimento como medição do conteúdo assimilado e tomando como foco principal a formação global do sujeito. A avaliação formativa atende a esse pressuposto, uma vez possibilita ao professor estar atento às aprendizagens de seus alunos, verificando se os objetivos foram ou não atingidos, além de repensar sua prática em benefício deles.

Villas Boas (2008) esclarece que:

[...] há escolas que afirmam praticar a avaliação formativa porque eliminaram notas, mas mantêm aulas de recuperação até para crianças da educação infantil e ameaçam castigar os alunos que não fazem os deveres de casa. Talvez isso se dê porque os professores, em grande parte, ainda se formam passando por práticas avaliativas tradicionais (centradas em notas e em aprovação e reprovação). (VILLAS BOAS 2008, p.38).

Realidades como a descrita pela autora indicam a necessidade de uma gestão democrática em que professores, alunos e gestores reflitam coletivamente e busquem organizar e desenvolver práticas avaliativas que superem a concepção de avaliação classificatória, seletiva e excludente para a uma avaliação que favoreça a construção dos conhecimentos pelos estudantes.

2. UMA NOVA PROPOSTA AVALIATIVA: UM DESAFIO PARA O EDUCADOR

De acordo com Barbosa (2008, apud, Paulo Freire)

A avaliação é a mediação entre o ensino do professor e as aprendizagens do professor e as aprendizagens do aluno, é o fio da comunicação entre formas de ensinar e formas de aprender, É preciso considerar que os alunos aprendem diferentemente porque têm histórias de vida diferentes, são sujeitos históricos, e isso condiciona sua relação com o mundo e influencia sua forma de aprender. Avaliar, então é também buscar informações sobre o aluno (sua vida, sua comunidade, sua família, seus sonhos...) é conhecer o sujeito e seu jeito de aprender. (BARBOSA 2008, apud, PAULO Freire p.1).

Diante do exposto, observa-se a evolução e os desafios da educação no mundo contemporâneo e a responsabilidade social que tem a escola na construção de cidadãos conscientes de suas responsabilidades para com esse mundo. Para isso, é necessário usar a avaliação como recurso pedagógico integrador do processo ensino-aprendizagem, para auxiliar os atores no processo de construção do conhecimento. É preciso ainda que o professor tenha objetivos planejados, pois, sem objetivos claros e bem definidos, ampliam-se as chances que este se perca em seus propósitos de promover o desenvolvimento e auxiliar o avanço das aprendizagens de seus alunos.

Para nortear essa prática avaliativa, as Diretrizes de Avaliação (SEDF, 2008), enfatiza que

Pensar em uma proposta avaliativa significa superar sua visão estática e classificatória, para resgatar sua função formativa onde o desenvolvimento contínuo do aluno, ocorre por meio da aquisição e construção de competência e habilidades que lhe possam ser úteis em situação novas. O aluno passa a ser avaliado em relação a si mesmo, considerando o seu crescimento individual, suas necessidades e suas potencialidades. [...] Nessa nova proposta, a avaliação deve assumir um caráter inclusivo, capaz de infundir no aluno a confiança em si mesmo e estimulá-lo a avançar sempre. (SEDF, 2008, p.3).

Ainda sobre esse modo de avaliar, Villas Boas (2008, p, 39, apud Black e Wiliam, 1998, p.7) afirma que “A avaliação formativa é a que engloba todas as atividades desenvolvidas pelo professor e seus alunos, com o intuito de fornecer

informações a serem usadas como feedback para reorganizar o trabalho pedagógico”.

É ainda Villas Boas (2008, p, 40, apud Sadler 1989, p. 120) quem complementa essa ideia afirmando que:

[...] o feedback atende o professor e o aluno. O primeiro o usa para decisões programáticas sobre prontidão, diagnose e recuperação. O segundo o usa para acompanhar as potencialidades e fraquezas do seu desempenho, para que aspectos associados a sucesso e alta qualidade possam ser reconhecidos e reforçados, assim como para que os aspectos insatisfatórios possam ser modificados ou melhorados. (VILLAS BOAS, 2008, p.40).

Percebe-se, desse modo, que sem esse recurso que a avaliação formativa possibilita, os professores não podem esclarecer as dúvidas sobre o desempenho dos alunos que surgem durante o planejamento de seu trabalho pedagógico e aperfeiçoar sua prática de ensino. Paralelo a isso, os alunos não tomam consciência de seus erros e acertos, deixando de canalizar esforços a fim de avançar em suas aprendizagens.

Na avaliação formativa, o professor fica atento aos processos e às aprendizagens de seus alunos. O professor não avalia com o propósito de dar uma nota, pois, como dito, dentro de uma lógica formativa, a nota é uma decorrência do processo e não o seu fim.

Chueiri, (2008), também aborda o assunto acrescentando que:

A avaliação, como prática escolar, não é uma atividade neutra ou meramente técnica, isto é não se dá num vazio conceitual, mas é dimensionada por um modelo teórico de mundo, de ciência e de educação, traduzida em prática pedagógica. (CHUEIRI, 2008, p.52).

Neste contexto, acrescenta-se que avaliar não se restringe a fazer provas e aplicar trabalhos. Desde o momento em que o professor entra na sala de aula, já faz uma avaliação ao olhar para o aluno. Portanto, a avaliação só faz sentido, se os seus resultados permitirem tanto aos alunos quanto aos professores, uma reflexão sobre os processos pedagógicos desenvolvidos e as aprendizagens já construídas ou não. A nota é apenas uma convenção utilizada para comunicação com os alunos e seus pais e não deve ser elemento principal do processo avaliativo.

Assim, partindo do princípio de que a escola é um espaço educativo e o seu trabalho não pode ser pensado nem realizado no vazio e na improvisação, faz-

se necessário que as ações pedagógicas sejam planejadas de forma conjunta e articuladas, no sentido de minimizar as dificuldades apontadas no processo de aprendizagem dos alunos, possibilitando que a escola cumpra sua missão diante das exigências e complexidade da atual sociedade. A avaliação das aprendizagens dos discentes cumpre papel fundamental nesse contexto, o de nortear a prática pedagógica do professor.

3. A AVALIAÇÃO E O ENSINO DA LÍNGUA PORTUGUESA

De acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais de língua portuguesa (2001, p. 55), “a principal estratégia didática para a prática da leitura e da escrita é um trabalho diversificado textual, sem ele pode-se até ensinar a ler, mas certamente não se formarão leitores competentes”.

Assim, parece certo dizer que um dos grandes desafios dos professores das primeiras séries do ensino fundamental é ensinar as crianças a ler, a escrever e a se expressar de maneira competente na língua portuguesa. Porém, para se fazer um trabalho prático, dinâmico e real é de primordial importância que o professor, além de possuir o “desejo de ensinar”, seja capaz de perceber, com clareza, os diferentes momentos do processo de aprendizagem em que se encontram cada um de seus alunos, a fim de providenciar meios que possibilitem seu avanço. Nesse contexto, a formação contínua dos docentes é fator imprescindível. Ainda de acordo com os PCNs:

A formação continuada em serviço é uma necessidade, e para tanto é preciso que se garantam jornadas com tempo para estudo, leitura e discussão entre professores, dando condições para que possam ter acesso às informações mais atualizadas na área de educação e de forma a que os projetos educativos possam ser elaborados e reelaborados pela equipe escolar. Os professores devem ser profissionais capazes de conhecer os alunos, adequar o ensino à aprendizagem, elaborando atividades que possibilitem a ação reflexiva do aluno. É preciso criar uma cultura em todo o país, que favoreça e estimule o acesso dos professores às atividades culturais, como exposições, cinemas, espetáculos, congressos, como meio de interação social. (BRASIL, 1997, p.38).

Portanto, o educador ocupa papel central nesse processo de transformação por meio de uma prática pedagógica que conceba o educando como um ser em formação, ou seja, em processo de construção do seu próprio conhecimento. Os Parâmetros Curriculares Nacionais de língua portuguesa (PCN, 1998) estabelecem ainda que:

O terceiro e quarto ciclo¹ têm papel decisivo na formação de leitores, pois é no interior destes que muitos alunos ou desistem de ler por não conseguirem responder às demandas de leitura colocadas pela escola, ou passam a utilizar os procedimentos construídos nos ciclos anteriores para lidar com os desafios postos pela leitura, com autonomia cada vez maior.

¹ Os terceiro e quarto ciclos citados nos PCN correspondem à 5ª/6ª séries (6º e 7º anos) e 7ª/8ª séries (8º e 9º anos) respectivamente.

Assumir a tarefa de formar leitores impõe à escola a responsabilidade de organizar-se em torno de um projeto educativo comprometido com a intermediação da passagem do leitor de textos facilitados (infantis ou infanto-juvenis) para o leitor de textos de complexidade real, tal como circulam socialmente na literatura e nos jornais; do leitor de adaptações ou de fragmentos para o leitor de textos originais e integrais.

(BRASIL, 1998, p.70).

Neste mesmo sentido Faraco (2000, p. 55.) sintetiza que “o professor não deve esquecer que é um construtor de andaimes que cria condições para que os alunos internalizem o novo saber”.

Assim, cabe ao professor aproveitar-se de diferentes técnicas para planejar suas aulas de forma lúdica, a fim de despertar o interesse dos alunos pela leitura e contribuir com suas aprendizagens de modo geral. O professor que se dedica à construção de um ambiente inovador no sentido de favorecer a leitura em sala de aula estará portando, promovendo o desenvolvimento da personalidade do aluno em todos os aspectos, criando ricas oportunidades de contato dos alunos com bons livros e aumentando o conhecimento do mundo e da realidade onde se encontra inserido.

Todo esse processo advém de uma avaliação que vise o aprimoramento do trabalho pedagógico. O professor tem de ter a sensibilidade de avaliar o aluno de forma adequada, e procurar estar atento quando o seu aluno está lendo ou produzindo um texto, a fim de acompanhá-lo, auxiliando-o e incentivando-o sempre que necessário e, desse modo, contribuindo para despertar nele o gosto pela leitura.

4. O CAMINHO PERCORRIDO

Nesse capítulo encontra-se descrita a metodologia utilizada para o alcance dos objetivos propostos neste estudo, bem como o tipo de abordagem adotado para a realização da pesquisa.

4.1- Abordagens Qualitativas

Esta pesquisa foi realizada por meio de uma abordagem qualitativa. Além de ser uma opção da investigadora, a abordagem qualitativa se justifica, sobretudo, por ser uma forma para melhor entender a natureza de um fenômeno social.

De acordo com Richardson (1999)

Os estudos que empregam uma metodologia qualitativa podem descrever a complexidade de determinado problema, analisar a interação de certas variáveis, compreender e classificar processos dinâmicos vividos por grupos sociais, contribuir no processo de mudança de determinado grupo e possibilitar, em maior nível de profundidade, o entendimento das particularidades do comportamento dos indivíduos. (Richardson 1999, p.80).

Buscando obter melhores resultados, optou-se por esse método, a fim de obter uma visão mais ampla e detalhada de cada ação dos sujeitos dentro de situações diversificadas, uma vez que, observar e analisar os comportamentos e as características dos envolvidos por meio do método qualitativo pode enriquecer o conhecimento do pesquisador a respeito do assunto estudado.

4.2 - Sujeitos

A pesquisa foi realizada em uma turma de 8º ano do ensino fundamental, em uma escola municipal da rede pública de ensino, da Cidade de Santo Antônio do Descoberto – GO, com alunos na faixa etária de 13 a 15 anos, visando compreender como a professora de língua portuguesa acompanha a aprendizagem de seus alunos, percebe suas dificuldades, necessidades e

competências, e em que medida essa prática da professora encontra-se voltada a propósitos formativos.

4.2.1 - Alunos

A escolha da turma do 8º ano de escolaridade se justifica por ser constituída por alunos de faixa etária mais avançada e, portanto, com maior facilidade para estruturar e expressar seus pensamentos. Devido à idade dos estudantes, há também uma maior possibilidade de serem participativos, explicitando seus questionamentos, expondo dúvidas e elaborando hipóteses a respeito dos métodos de avaliação utilizados pela professora colaboradora do estudo. A turma participante da pesquisa é composta por 40 alunos, sendo que maior parte deles possui idade superior à série em que se encontram e dependem economicamente de programas governamentais como bolsa família que oferece subsídio à renda familiar.

4.2.2 – Professora

Como já foi mencionado, esta pesquisa tem também como principal interlocutora a professora regente da disciplina de língua portuguesa do 8º ano do Ensino Fundamental. Trata-se de uma profissional com 40 anos de idade, graduada em “Pedagogia, Letras e Arte” e pós-graduada em língua portuguesa. Atualmente ministra aula de Português em duas escolas do Estado do Goiás para alunos na faixa etária de 13 a 18 anos. Atua há 23 anos Secretarias, Municipal e Estadual de Educação na cidade de Santo Antonio do Descoberto – GO. A docente declarou que já ocupou vários cargos dentro da instituição de ensino: direção, coordenação e agora está atuando com professora, ministrando aulas no Ensino fundamental II e Médio e afirmou ter pretensões de cursar o Mestrado Profissional em Língua Portuguesa. A escolha da docente se justifica pela necessidade percebida de revisão e reformulação de algumas de suas metodologias ensino, em especial, seu modo de avaliar, uma vez que a disciplina de Língua Portuguesa tem, entre outras, a

finalidade de garantir a aprendizagem da leitura, escrita e o desenvolvimento da oralidade.

4.3 Instrumentos para levantamento de dados

Na presente pesquisa utilizou-se como instrumentos de coleta de dados um questionário com perguntas abertas e como procedimentos, a observação não participativa na sala de aula da turma colaboradora do estudo e a análise documental do projeto político pedagógico da instituição de ensino. As informações levantadas por meio desses instrumentos/procedimentos foram analisadas com a finalidade de alcançar os objetivos inicialmente propostos nesta pesquisa.

4.3.1- Questionário

O tipo de questões utilizadas no questionário se justifica pelo fato de que

...uma das grandes vantagens das perguntas abertas é a possibilidade do entrevistado responder com uma liberdade, não estando restrito a marcar uma ou outra alternativa. Isso ajuda muito o pesquisador quando ele tem pouca informação ou quer saber um assunto. (RICHARDSON, 1999 p.195).

O questionário foi aplicado para a professora regente da disciplina de Língua Portuguesa e outro para os alunos do 8º ano do ensino fundamental, com o objetivo de conhecer as percepções e as práticas avaliativas da professora, bem como o entendimento dos alunos sobre o modo como costumam ser avaliados.

O questionário foi composto por 10 questões abertas visando um melhor entendimento das representações dos participantes da pesquisa, uma vez que possibilitam respostas que expressam a livre opinião desses sujeitos.

4.3.2 - Observação

A observação faz-se necessário para conhecer, compreender e analisar os procedimentos metodológicos utilizados pela professora no ato de avaliar seus alunos em sala de aula e, desse modo, imprimir maior qualidade ao trabalho de pesquisa, uma vez que permitirá confrontar informações e comprovar ou refutar dados levantados por meio do questionário.

Conforme Marconi& Lakatos (2002)

A observação é uma técnica de coleta de dados para conseguir informações e utiliza os sentidos na obtenção de determinados aspectos da realidade. Não consiste em apenas em ver e ouvir, mas também em examinar fatos ou fenômenos que se deseja estudar (MARCONI & LAKATOS, 2002 p.88).

A vantagem da observação para esse estudo foi, portanto, possibilitar a análise da postura do educando em sala de aula e verificar como estava sendo ministrado o ensino de língua portuguesa. Esse procedimento propiciou ter um contato mais direto com a realidade, e os dados foram registrados à medida que irão ocorrendo. Além disso, favorece a identificação de aspectos capazes de comprovar a veracidade do tema em questão, a fim de atingir as metas desse estudo.

A observação durou duas aulas, cada uma delas com duração de cinquenta minutos. A turma observada era composta por 40 alunos na faixa etária de 13 a 15 anos de idade.

4.3.3 – Análise Documental

A análise documental é um procedimento de pesquisa que proporciona dados concretos e estáveis, por isso constitui fonte valiosa de informações que, em caso de dúvidas podem ser consultadas mais de uma vez, a fim de chegar a resultados seguros sem o incômodo de consultar as pessoas novamente. Por meio da análise do projeto político pedagógico da instituição buscou-se entender a

articulação da prática avaliativa da professora participante da pesquisa com PPP da escola. Daí a importância da análise desse documento.

Os sujeitos envolvidos na observação foram todos os alunos da turma do 8º ano X e a professora da disciplina de língua portuguesa. Quanto ao questionário, os 40 alunos foram envolvidos em sua aplicação. Com essa seleção espera-se esclarecer fatos relevantes para a pesquisa, e compreender práticas e percepções dos sujeitos envolvidos na pesquisa diante dos instrumentos avaliativos utilizados pela professora da turma participante do estudo.

4.4 Campos de pesquisa

Para realização da pesquisa a opção foi por uma escola pública pela oportunidade de poder contribuir para o repensar de saberes e fazeres de uma instituição pública e, em decorrência, para a melhoria da qualidade do ensino que oferece.

4.4.1 Escola

A escola pesquisada encontra-se assim organizada: No diurno atende ao Ensino Fundamental II – 6º ao 8º ano, sendo 26 turmas, com um total de dez turmas de 6º ano; nove turmas de 7º ano e sete turmas de 8º ano. A distribuição dos alunos por ano de escolaridade encontra-se da seguinte forma: 6º ano – 350; 7º ano – 310 e 8º ano – 285, totalizando 945 estudantes. A instituição possui o seguinte horário de funcionamento: Turno matutino: 07h: 30min às 11h: 40min; turno vespertino: 13h: 15min às 17h: 30min.

4.4.2 - Estrutura Física

Quanto à sua estrutura física, a escola colaboradora da pesquisa conta com 13 salas de aula; 01 sala de vídeo; 01 sala de professores; 02 salas de secretaria/arquivo; 01 sala de coordenação pedagógica; 01 sala de coordenação de turno/Orientação Educacional; 01 sala de direção; 07 banheiros; 01 depósito de material pedagógico; 01 depósito de material de limpeza; 01 depósito de utensílios para cozinha; 01 salão de festa; 01 cozinha; 01 dispensa; 01 laboratório de informática; 01 sala cedida para secretaria da universidade Estadual do Goiás (UEG), 01 biblioteca e 03 salas dentro do salão (programa mais educação). Como áreas de lazer e de esporte a escola possui: 03 pátios e áreas livres, uma quadra de esporte em construção.

O estado de conservação do prédio da escola é bom, mas as dependências externas precisam ser pintadas, pois a última pintura de todo prédio foi no início do ano de 2006. Em 2007 o pavimento do bloco administrativo também passou por uma pequena reforma para a adequação das dependências administrativas. As dependências internas das salas de aula também necessitam de uma nova pintura. No ano de 2011 foram feitas reformas tais como: adequação dos banheiros (acessibilidade), construção de rampas de acesso em todos os pavimentos, pavimentação de dois pátios descobertos facilitando o acesso de cadeirantes ao refeitório e sala de vídeo. Neste ano de 2012 sete salas, o refeitório e as salas do programa mais educação foram pintadas pelo próprio diretor da escola.

A escolha da escola para a realização desta pesquisa foi motivado pelo fato de ser meu próprio local de trabalho e, por isso, onde percebo o processo avaliativo como um problema. Assim vejo a necessidade de verificar o processo avaliativo desenvolvido pela professora de Língua Portuguesa da turma participante do estudo e, por meio do estudo, contribuir para a melhoria da qualidade desse trabalho.

5- ANÁLISES DE DADOS COLETADOS

Neste capítulo será apresentada a análise das informações levantadas empiricamente ao longo do trabalho investigativo.

Como já foi mencionado, a pesquisa de campo foi realizada em uma Escola pública municipal situada no Centro da Cidade de Santo Antônio do Descoberto-GO. Esta Instituição de ensino ministra o Ensino Fundamental do 6º ao 8º ano, com alunos na faixa etária de 10 a 15 anos. Os alunos, em sua maioria, possuem um poder aquisitivo baixo, demonstram carência afetiva e apresentam baixo desempenho no processo de aprendizagem.

5.1- A escola, seu projeto e sua prática

O Projeto Político Pedagógico da escola em estudo (2012) apresenta, como uma de suas prioridades, a avaliação do corpo discente de maneira formativa, tendo em vista que esse tipo de avaliação favorece a construção da autonomia por parte dos mesmos, na medida em que propicia a participação ativa desses sujeitos na construção de seu próprio conhecimento. O documento tem como foco principal o processo de aprendizagem numa perspectiva de interação e diálogo, colocando não apenas no professor, mas também no aluno, a responsabilidade por seus avanços e pela superação de suas necessidades específicas de aprendizagem.

O PPP da escola (2012) destaca a importância do auxílio do professor aos alunos no processo de ensino dos conteúdos que deverão aprender visando o alcance dos objetivos estabelecidos, o que ocorrerá por meio de uma avaliação que possibilite o avanço de suas aprendizagens. Ainda sobre esse assunto, o PPP da escola propõe ampliar as condições de viabilizar um processo avaliativo formativo por meio da autoavaliação. Segundo o documento (2012) essa prática avaliativa constitui num importante recurso, pois propicia, aos estudantes maior responsabilidade acerca de seu próprio processo de aprendizagem e promove a construção de sua autonomia.

A análise documental do PPP da escola permitiu perceber que o trabalho da professora interlocutora do estudo, ainda não se encontra totalmente em consonância com esse documento, uma vez, que a docente em um de seus discursos em sala de aula, defendeu que a nota dos estudantes é decorrente de seus esforços e dedicação em relação à construção de suas aprendizagens e desenvolvimento de sua autonomia. Porém, em outros momentos apresentou nuances de uma concepção de avaliação voltada à formação dos estudantes, utilizando diferentes instrumentos para avaliar os alunos e declarando que, em vários momentos de sua prática, faz intervenções junto aos alunos em sala de aula, por meio de avaliação diagnóstica, utilizando procedimentos e instrumentos tais como: seminários, pesquisas, trabalhos em grupos e provas.

A utilização de múltiplos recursos para avaliar os estudantes utilizados pela professora de Língua portuguesa sinaliza a preocupação em obter, com maior precisão, dados que permitam verificar as reais condições de aprendizagem em que se encontram os estudantes. Isso acontece porque o docente que se utiliza de vários instrumentos para avaliar seus alunos adquire maiores chances de verificar o que foi ou não aprendido pelos alunos, do que aquele que se limita a dar uma prova ao final do bimestre.

A preocupação demonstrada pela professora interlocutora em conhecer o nível de aprendizagem de seus alunos, aliada à sua declaração de que em decorrência deste diagnóstico, realiza intervenções junto aos estudantes permitindo inferir que a mesma concebe o processo avaliativo como uma forma de dar continuidade à aprendizagem dos estudantes e não apenas com o intuito de medir ou dar notas.

Este discurso está em consonância com as idéias de Luckesi (2001, p.77), quando afirma que “se um professor não acompanha um aluno para que este possa progredir, ele está matando a vida e a alma desta criança, não contribuindo para que este aluno avance em sua aprendizagem”

Converge também com Villas Boas (2007) quando defende que

Faz parte do planejamento da avaliação a seleção dos procedimentos mais apropriados a cada turma ou grupo de alunos. Procedimentos são os meios que nos permitem coletar informações para realizar a avaliação. Todos eles compõem o que chamamos de processo avaliativo. [...] Daí a necessidade de usarmos procedimentos variados, que evidenciem as aprendizagens do aluno. (VILLAS BOAS 2007, P.25).

Destas análises, conclui-se que a avaliação deve ser um processo diagnóstico, contínuo e participativo cujas experiências precisam ser múltiplas e diferenciadas a fim de resultar em uma ação pedagógica e educativa, renovada e aprimorada.

5.2- As concepções de avaliação da professora de língua portuguesa.

A coleta de dados referentes às concepções da professora interlocutora do estudo foi realizada por meio da observação não-participativa e por meio da aplicação de um questionário à docente, com intuito de compreender seu entendimento acerca das avaliações das aprendizagens dos estudantes e conhecer os principais instrumentos avaliativos por ela utilizados na disciplina de Língua Portuguesa.

A análise do referido questionário permitiu perceber que as estratégias usadas pela professora no processo ensino-aprendizagem eram: leituras, aulas expositivas com áudio, vídeos, dramatizações, debates, com apresentação de gêneros textuais diversos, livros didáticos, atividades de fixação, dicionário como fonte de pesquisa, apreciação de produções individuais e coletivas por meio de livros didáticos dos alunos. A professora declarou que utilizava como instrumentos e procedimentos para avaliar as aprendizagens de seus alunos: “debates coletivos, atividades individuais, verificação da aprendizagem (provas), e capacidade de expressão crítica, expressão escrita e interpretativa.” Esclareceu ao final que “todos os instrumentos avaliativos visavam uma avaliação formativa com o propósito de acompanhar o processo de aprendizagem do aluno.”

As declarações da professora abordam um importante aspecto da avaliação formativa que diz respeito ao acompanhamento do desempenho do aluno. No entanto, a professora não ressalta outro relevante aspecto desse processo que consiste na utilização dos dados evidenciados pelos estudantes para a reorganização do trabalho pedagógico que desenvolve, de modo a promover a aprendizagem de todos os estudantes.

Outro aspecto que merece ser destacado refere-se ao fato de que a professora não se utilizava da autoavaliação pelos alunos, conforme estabelecido no Projeto Político Pedagógico da escola. A inclusão da autoavaliação à sua prática pedagógica poderia trazer valiosas contribuições a sua prática, uma vez que, segundo Villas Boas (2008, p. 51) “a autoavaliação é um componente importante da avaliação formativa”.

Porém, como já foi dito, as observações evidenciaram que a avaliação das aprendizagens dos estudantes realizada em sala de aula pela professora possuía aspectos característicos de uma avaliação formativa. Isso sugere que, ela considera o *feedback* dado pelo aluno para conhecer suas potencialidades e fragilidades, o que já é um importante passo rumo à revisão de sua prática no sentido de organizar seu trabalho, de modo que seus alunos possam obter êxito em suas aprendizagens.

A afirmativa de Luckesi (2004), em entrevista concedida a *Aprender a Fazer*, publicada em *Impressão Pedagógica*, expressa com clareza a necessidade desse cuidado com o aperfeiçoamento do trabalho pedagógico em um processo avaliativo.

O ato de avaliar a aprendizagem implica em acompanhamento e reorientação permanente da aprendizagem. Ela se realiza através de um ato rigoroso e diagnóstico e reorientação da aprendizagem tendo em vista a obtenção dos melhores resultados possíveis, frente aos objetivos que se tenha à frente. E, assim sendo, a avaliação exige um ritual de procedimentos, que inclui desde o estabelecimento de momentos no tempo, construção, aplicação e contestação dos resultados expressos nos instrumentos; devolução e reorientação das aprendizagens ainda não efetuadas. Para tanto, podemos nos servir de todos os instrumentos técnicos hoje disponíveis, contanto que a leitura e interpretação dos dados sejam feita sob a ótica da avaliação, que é de diagnóstico e não de classificação. O que, de fato, distingue o ato de examinar e o ato de avaliar não são os instrumentos utilizados para a coleta de dados, mas sim o olhar que se tenha sobre os dados obtidos: o exame classifica e seleciona, a avaliação diagnostica e inclui. (LUCKESI, 2004, p. 4-6).

Por meio das respostas da professora, foi possível constatar que ela ainda não tem claras as principais características de um processo avaliativo formativo. Quando questionada a respeito das dificuldades que enfrenta na hora de avaliar seus alunos, a docente enfatizou que “são inúmeras”, “as ausências dos pais no processo aprendizagem do filho, faltando ainda o interesse do aluno em se

envolver na aula, e avaliar quantitativamente, pois ainda é muito complexo elaborar questões contextualizadas e receber um feedback desejado dos alunos”.

As declarações acima da docente participante do estudo indicam que, embora a professora tenha afirmado que avalia na perspectiva de acompanhar as aprendizagens de seus alunos, atribui a responsabilidade ao próprio aluno quando este não aprende no mesmo ritmo que os demais colegas. Desse modo, ela se isenta da responsabilidade nesse processo e, em consequência, desconsidera a necessidade de repensar e reorganizar seu trabalho em prol dos estudantes que não obtiveram o êxito esperado.

De acordo com as repostas da professora ao questionário, ela reconhece sua dificuldade para avaliar seus estudantes em virtude da complexidade envolvida nesse processo. Todavia, considera que avaliar é necessário em qualquer proposta de ensino.

O reconhecimento, pela professora, do importante papel ocupado pela avaliação na organização do trabalho pedagógico, demonstra a prioridade que atribui a essa prática em sua sala de aula. O grande desafio da escola hoje tem sido o de promover uma prática pedagógica que leve os alunos a realmente aprender para a vida e não simplesmente para as provas e trabalhos escolares. A avaliação ostenta uma posição relevante nesse contexto, ao possibilitar o levantamento das informações necessárias à melhoria da qualidade do ensino.

Em relação à aprendizagem dos alunos, a professora afirmou que “o processo avaliativo ajuda a perceber suas necessidades” e acrescentou que, no caso da disciplina de Língua Portuguesa, “a avaliação visa desenvolver diferentes processos comunicativos e expressivos, sendo consideradas as diferentes condições de produção do discurso”. É preciso, portanto, um olhar diferenciado do educador frente à difícil tarefa de avaliar, principalmente daqueles que trabalham com disciplina de Língua Portuguesa.

Ao ser solicitado à professora que relatasse momentos em que sua prática encontrava-se voltada para propósitos formativos, à educadora destacou que “isso ocorre em momentos em que ela preparava os alunos para enfrentar o mundo moderno, procurando proceder de modo que eles se sentissem inseridos em um contexto linguístico e sociais”.

Dessa forma, percebe-se que a professora demonstra preocupação em canalizar sua avaliação no sentido de favorecer o desenvolvimento global dos alunos, mas que ainda carece de entendimento que a possibilite canalizar sua prática em atendimento a esse propósito.

5.3- Os alunos e seus anseios frente à avaliação

Parte dos dados do presente estudo foi coletado junto aos alunos de uma turma do 8º ano por meio de observações e da aplicação de um questionário. O questionário foi respondido individualmente e os alunos demoraram em média vinte minutos para concluir. No momento da aplicação do questionário a professora ausentou-se da sala de aula e, neste momento, foi possível perceber diferentes atitudes entre os alunos. No momento em que foi entregue o questionário para que eles respondessem, alguns deles demonstraram interesse em começar a responder logo as questões, outros viram a minha pesquisa com mera formalidade.

O objetivo do questionário para os alunos foi verificar o entendimento dos estudantes sobre o modo como costumam serem avaliados.

O foco da investigação incidiu sobre o processo avaliativo da professora de língua portuguesa. Por isso, a primeira questão feita aos alunos referiu-se ao modo como costumava ser avaliado na disciplina de português. As respostas dos alunos consultados foram bem semelhantes. A maioria, ou seja, 90% deles responderam que costumavam ser avaliados com exercícios, provas, trabalhos, participação na sala de aula, tarefas no caderno. Assim, foi possível verificar que praticamente todas as respostas dos alunos mencionam a prova como instrumento avaliativo.

As respostas dos alunos demonstram que a aprendizagem está de certa forma, relacionada ao bom desempenho nas provas e, em consequência, obtenção de boas notas, ou seja, dando ênfase ao aspecto quantitativo, desta forma, medita-se, se o processo avaliativo da educadora como agente transformadora é capaz de atender as necessidades de seus alunos, visto que, o sistema avaliativo desenvolvido por ela ainda conserva a avaliação apenas por meio de provas,

havendo avanços apenas quanto à variedade de instrumentos e procedimentos para a efetivação desse processo.

Quando questionados sobre a utilidade da avaliação, 80% dos alunos responderam que ela servia para saber o que eles estão aprendendo e 20% responderam que era para tirar boas notas.

A esse respeito, Villas Boas, (2004), assegura que:

A avaliação existe para que se conheça o que o aluno aprendeu e o que ele ainda não aprendeu para que se providenciem os meios para que ele aprenda o necessário para a continuidade dos estudos. Cada aluno tem o direito de aprender e de continuar seus estudos. A avaliação é vista, então, como uma grande aliada do aluno e do professor. Não se avalia para atribuir nota, conceito ou menção. Avalia-se para promover a aprendizagem do aluno. Enquanto o trabalho se desenvolve, a avaliação também é feita. Aprendizagem e avaliação andam de mãos dadas, pois a avaliação sempre ajuda a aprendizagem. (VILLAS BOAS, 2004, p.15).

Dessa forma, espera-se que todos os educadores compreendam que a nota, por si só não tem sentido, devendo servir apenas como um indicador a mais das condições de aprendizagem dos alunos a fim de auxiliá-los a encontrar meios para ajudar os alunos superar suas dificuldades e progredir em suas aprendizagens.

Em relação ao sentimento dos alunos quando eles sabem que estão sendo avaliados, as respostas foram: 30% afirmaram que ficam preocupados, 20% disseram sentir medo, 40% nervosismo e apenas 10% disseram que se sentiam normal. Diante dos dados coletados, vê-se que 90% dos alunos pesquisados têm sentimentos conflituosos nos momentos em que estão sendo submetidos à algum tipo de avaliação o que comprova nas palavras de Luckesi em entrevista

[...] O educando teme o poder que o professor tem, utilizando-o especialmente via a prática examinatória, que equivocadamente vem sendo chamada avaliativa. É comum ouvir um professor, em sala de aula, dizer para os alunos coisas como as que se seguem: “Estudem, caso contrário, vocês vão ver o que acontecerá no dia da prova”; “Tomem cuidado! Vocês não estão estudando. Não me venham chorar no dia da prova”; “Olha, esse conteúdo de hoje é conteúdo de prova”; “Ou vocês ficam quietos nesta aula, ou vocês vão ver o que vai acontecer com vocês no dia da prova!” Essas ameaças não têm nada a ver com a verdadeira aprendizagem, mas sim com o disciplinamento dos educandos, com o seu controle disciplinar através do medo. (Jornal do Brasil e publicada no dia 21/07/2000).

André(2001) amplia esse raciocínio afirmando que:

Esses docentes provavelmente passaram por uma experiência escolar que valorizava o princípio da reprodução, da aprendizagem mecânica e

repetitiva. Como fazê-los mudar, desenvolver um outro olhar? Como levá-los a tomar consciência de que cabe à escola, enquanto agência encarregada de educação sistematizar, a tarefa de fazer com que os alunos apreciem o saber como um bem cultural valioso, ou seja, levá-los a querer aprender? E de acordo com essa perspectiva, considerar que não cabe atribuir a avaliação qualquer caráter punitivo, mas ao contrário, colocá-la a serviço da aprendizagem. (ANDRÉ, 2001, p.178).

Partindo do pressuposto de que a escola é um lugar de aquisição do conhecimento formal, habilidades cognitivas e de convívio social, espera-se que o aluno assuma papel ativo na construção de suas aprendizagens, concebendo a avaliação como uma aliada nesse processo para a obtenção de resultados positivos e não como algo negativo que suscite sentimentos de preocupação, medo e nervosismo.

Assim, entende-se que os alunos construíram uma concepção de avaliação deturpada em relação à sua proposição de auxiliá-los ao invés de conduzi-los ao desestímulo em decorrência do sentimento de incompetência e incapacidade para aprender.

Com relação às provas, indagou-se sobre para que servem as provas? 70% dos alunos responderam que servem para avaliar o conhecimento, 25% disseram que é para atribuir nota durante o bimestre e os outros 5% disseram que é para “aprovar e reprovar o aluno no final do ano”.

Após analisar as respostas dos alunos, é possível perceber que a prova não é vista pela maioria dos estudantes como instrumento, com condições de contribuir para o avanço do processo ensino aprendizagem; visto que, ao descrevê-la, os estudantes demonstram entendê-la como um recurso avaliativo classificatório e seletivo.

Como lembra Villas Boas (2004)

Você poderá criar provas que sirvam para promover a aprendizagem. Por exemplo: após a sua realização pelos alunos e a análise feita por você, devolva-lhes e, em sala de aula, dê orientação para que sejam refeitas as questões que demonstram essa necessidade. O que importa não é a nota, mas a aprendizagem. Esse é um meio de se praticar o que é chamado inadequadamente de “recuperação” (VILLAS BOAS, 2004, p.38).

Dessa feita, conclui-se que é preciso libertar-se das amarras da concepção classificatória ainda bastante presente no âmbito das escolas. Embora os discursos dos educadores sejam em grande parte inovadores, na prática é comum

encontrarmos professores que procedem com os alunos do mesmo modo que vivenciaram em sua formação escolar, ou seja, avaliam basicamente por meio de provas e testes.

Para finalizar a pesquisa, os alunos em estudo foram questionados quanto à forma, como gostariam de ser avaliados na disciplina de Língua Portuguesa.

Observaram-se as seguintes respostas: 80% dos alunos responderam que gostariam de ser avaliados por meio de maior quantidade de trabalhos e menos provas, 10% deles disseram que estava bom do jeito como estava sendo conduzido o processo avaliativo, e os outros 10% responderam que gostariam de ser avaliados por meio de sua participação em sala de aula.

Percebe-se assim que a prova não constitui um instrumento avaliativo positivo para os estudantes. No entendimento desses sujeitos, o ato de avaliar deveria ser uma prática permanente no cotidiano escolar de modo que verificasse de forma mais adequada suas condições de aprendizagem. Nesse sentido, é preciso que se busque uma avaliação que contemple essas expectativas, colocando-se a serviço das aprendizagens dos alunos, ou seja, uma avaliação que privilegie aspectos formativos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho teve o propósito de compreender como são avaliadas as aprendizagens de Língua Portuguesa em uma turma do 8º ano, e em que medida a prática da professora responsável pela disciplina estava em consonância com o Projeto Político Pedagógico da escola.

Para o alcance desse objetivo, fez-se necessário conhecer os principais instrumentos avaliativos utilizados pela professora participante do estudo, bem como verificar o entendimento, tanto da professora como dos estudantes sobre o processo avaliativo desenvolvido em sala de aula.

Durante a pesquisa na escola, percebeu-se a necessidade de refletir sobre a avaliação escolar, e o quanto pode ser significativo canalizá-la no sentido formativo, a fim de promover a melhoria do ensino e, em consequência, o avanço das aprendizagens dos estudantes, visto que a escola constitui um espaço de formação e, por isso, deve propiciar a inclusão e a autonomia de todos eles.

Assim, a partir dos subsídios teóricos utilizados para a compreensão do problema abordado, verificou-se que na avaliação formativa, é preciso que o professor esteja atento ao desempenho de seus estudantes, avaliando com o propósito de contribuir para sua formação, o que pressupõe extrapolar a prática de atribuir nota, pois, como foi dito, em uma lógica formativa, a nota é uma decorrência do processo e não o seu fim último.

O estudo confirmou, portanto, o que foi afirmado por Luckesi (2000)

A avaliação da aprendizagem não é e não pode continuar sendo a tirana da prática educativa, que ameaça e submete a todos. Chega de confundir avaliação da aprendizagem com exames. A avaliação da aprendizagem, por ser avaliação, é amorosa, inclusiva, dinâmica e construtiva, diversa dos exames, que não são amorosos, são excludentes; não são construtivos, mas classificatórios. A avaliação inclui, traz para dentro; os exames selecionam, excluem, marginalizam (LUCKESI, 2000, p.6-11).

O estudo possibilitou perceber que, embora a professora participante do estudo perceba a avaliação como um recurso auxiliar para o acompanhamento do desempenho dos estudantes, não demonstrou ter o conhecimento das condições de aprendizagem dos alunos para a reorganização de sua prática pedagógica, o que

indica que a avaliação desenvolvida pela docente carece de aspectos que possam caracterizá-la como formativa, tornando-a destoante do que está estabelecido do PPP da escola que atua. Desvelou ainda, que esse modo de avaliar contribui para a construção de percepções pelos estudantes, equivocadas quanto ao sentido da avaliação como recurso auxiliar do progresso de suas aprendizagens.

Mesmo admitindo encontrar dificuldade para avaliar seus alunos, a professora demonstrou esforço nesse sentido, utilizando grande variedade de instrumento e procedimentos para a realização desse processo. Porém sua avaliação não incluía a autoavaliação pelos alunos, conforme estabelecido no PPP da escola.

Contrariando as representações da professora, os alunos demonstraram conceber a nota como principal elemento do processo avaliativo que vivenciavam na disciplina de Língua Portuguesa. Demonstraram ainda vivenciar sentimentos conflituosos nos momentos em que estavam sendo avaliados.

Os resultados da pesquisa apontam a necessidade de refletir sobre a avaliação escolar a fim de canalizá-la no sentido formativo e, assim, promover a melhoria do ensino e o avanço das aprendizagens dos estudantes.

A presente pesquisa pode trazer importantes contribuições, uma vez que apresenta reflexões acerca das metodologias aplicadas em salas de aula em turmas do Ensino Fundamental no tocante a avaliação da aprendizagem na disciplina de Língua Portuguesa. Nesse sentido, pode servir como material de pesquisa para professores desta área que desejam refletir sobre a temática e buscar novas maneiras de organizar o trabalho pedagógico, avaliando para garantir o sucesso dos alunos. Contudo fica evidente que, para que isso ocorra, é necessário que, a partir das reflexões, sejam implementadas estratégias pedagógicas voltadas à formação continuada dos professores do Ensino Fundamental e sejam propiciadas condições de trabalho para que estes possam atuar condignamente, imprimindo maior qualidade ao trabalho buscando alternativas para que os estudantes progridam continuamente.

REFERÊNCIAS

ANDRÉ, Marli Eliza Dalmazo Afonso de; PASSOS, Laurizete F. **Avaliação Escolar: desafios e perspectivas**. In: CASTRO, A.D.de.; CARVALHO, A.M.P.de (Orgs.). **Ensinar ensinar: didática para a escola fundamental e média**. Pioneira Thomson Learning, 2001.

BARBOSA, Jane Raquel Alves. **A Avaliação da Aprendizagem como Processo Interativo**: Um Desafio para o Educador. Democratizar. V.II. n.1. jan/abril.2008.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares**

Nacionais: Avaliação. Brasília: MEC/SEF, 1997.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: língua portuguesa**/ Secretaria de Educação Fundamental. . Brasília: MEC/SEF, 1998.

BRASIL, Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Língua Portuguesa**/Ministério da Educação. 3ed. Brasília: A secretaria, 2001.

CARVALHO, José Carmelo; BONAMINO, Alice Maria C. **Salto para o Futuro**: Ensino fundamental/Secretaria de Educação a Distância. Brasília: ministério da Educação, SEED, 1999, 224p, - (Série de Estudos, Educação a Distância, ISSN 1516-2079; v,1)

CHUEIRI, Mary Stela Ferreira. **Concepções sobre avaliação escolar**. In. *Estudos em Avaliação Educacional*, v. 19, n. 39, jan./abr. 2008.

Diretrizes de Avaliação do **Processo de Ensino e de Aprendizagem para a Educação Básica**, SEDF, 2008. Disponível em: http://www.se.df.gov.br/wp-content/uploads/pdf_se/publicacoes/diretrizes_avaliacao.pdf. Acesso em: 04/03/2013.

FARACO, Carlos Alberto. **Escrita e alfabetização**. 4ª ed. São Paulo: Contexto, 2000.

HAYDT, Regina Célia Cazaux. **Avaliação do Processo Ensino-Aprendizagem**. São Paulo: Ática, 1988.

HOFFMANN, Jussara. **Avaliação mediadora: uma prática em construção da pré-escola à universidade**. 20 ed. Porto Alegre: Editora Mediação, 1993.

LAKATOS, E. M.; MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos de metodologia científica**. 4ª Ed. São Paulo: Atlas, 2001.

LUCKESI, C. C. **Prática Escolar: do erro como fonte de castigo ao erro com fonte de virtude**. In: *Avaliação da Aprendizagem Escolar*. 11ª ed. São Paulo: Cortez, p. 48-59. 2001.

_____. **Avaliação da aprendizagem; visão geral**. Entrevista concedida ao Jornalista Paulo Camargo, São Paulo, publicado no caderno do Colégio Uirapuru. Sorocaba, estado de São Paulo, 8 de outubro de 2005. Disponível em URL <http://www.luckesi.com.br/artigosavaliacao.htm>. Acessado em março de 2013

_____, Em entrevista **concedida à Aprender a Fazer**, publicada em *IP – Impressão Pedagógica*, publicação da Editora Gráfica Expoente, Curitiba, PR, nº 36, 2004, p.4-6. Disponível em pdf Acessado em março de 2013 http://www.luckesi.com.br/textos/art_avaliacao/art_avaliacao_eccos.

_____. Entrevista sobre **Avaliação da aprendizagem**, concedida ao Jornal do Brasil e publicada no dia 21/07/00. Disponível em URL <http://www.luckesi.com.br/Acessado> em março de 2013.

_____. **O que é mesmo o ato de avaliar a aprendizagem?** Pátio, Porto Alegre, n. 12, p. 6-11, fev./abr. 2000. Disponível em UR L <http://www.luckesi.com.br/> Acessado em março de 2013.

RICHARDSON, Roberto Jarry. **Pesquisa social: método e técnicas**. São Paulo: Atlas, 1985.

VILLAS BOAS, B. M. de F. **Portfólio: avaliação e trabalho pedagógico**. Campinas; SP: Papirus, 2004.

_____, Benigna Maria de Freitas. **Virando a escola pelo avesso por meio da avaliação.** Campinas, SP: Papirus, 2008.

APÊNDICE



APÊNDICE - A

QUESTIONÁRIO AOS PROFESSORES

Caro(a) professor(a),

Esse questionário faz parte de uma pesquisa desenvolvida no curso de Pós-graduação em Coordenação Pedagógica Universidade de Brasília e a sua colaboração é importantíssima. Aqui você encontrará questões relacionadas aos desafios e perspectivas da avaliação formativa articulada ao ensino de Língua portuguesa:

Trata-se de uma pesquisa, portanto não existem respostas certas ou erradas. O importante é a sua opinião sincera. Procure responder todo o questionário, lembrando que não é necessário se identificar e que suas respostas serão mantidas em sigilo.

Desde já agradeço sua contribuição.

- 1- Que critérios você utiliza para avaliar as aprendizagens de seus alunos?
- 2 - Como você registra os resultados da avaliação da aprendizagem dos alunos?
- 3 - Quais as estratégias usadas por você no processo ensino-aprendizagem?
- 4 – Você conhece a metodologia de avaliação contida no projeto político pedagógico da escola que você trabalha?
- 5 – Quais as dificuldades encontradas na hora de avaliar seus alunos?
- 6 - Quais as intervenções feitas a partir das dificuldades detectadas após o processo avaliativo?
- 7 – Você acredita que o processo avaliativo dos alunos do 8º ano na sua disciplina de língua portuguesa ajuda a localizar as dificuldades e a progredir em sua aprendizagem? Justifique.
- 8 – O que a nota representa para você?
- 9- Você acha importante fazer um feedback dos conteúdos antes da avaliação?
- 10 – Em que momento sua prática encontra-se voltada a propósitos formativos.

Para concluir o questionário, preciso de alguns de seus dados pessoais, mas lembre-se: **não** é necessário identificar-se.

- 1) Idade: ____ anos
- 2) Sexo: () Masculino () Feminino
- 3) Grau de escolaridade: _____
- 4) Tempo de docência: _____
- 5) Tempo de atuação na SME-GO: _____
- 6) Tempo de atuação na atual escola: _____

APÊNDICE - B



QUESTIONÁRIO AOS ALUNOS

Caro(a) alunos(as),

Esse questionário faz parte de uma pesquisa desenvolvida no curso de Pós-graduação em Coordenação Pedagógica Universidade de Brasília e a sua colaboração é importantíssima. Aqui você encontrará questões relacionadas aos desafios e perspectivas da avaliação formativa articulada ao ensino de Língua portuguesa.

Trata-se de uma pesquisa, portanto não existem respostas certas ou erradas. O importante é a sua opinião sincera. Procure responder todo o questionário, lembrando que não é necessário se identificar e que suas respostas serão mantidas em sigilo.

Desde já agradeço sua contribuição.

- 1) Como costuma ser avaliado na disciplina de português?
- 2) Em sua opinião para que serve a avaliação?
- 3) Como você se sente quando sabe que está sendo avaliado?
- 4) Quais os procedimentos que a professora língua portuguesa usa para avaliar suas aprendizagens?
- 5) O que a nota representa para você?
- 6) O que você faz com as atividades e/ou provas que a professora de português corrige?
- 7) O que a sua professora de português faz com as atividades e/ou provas que ela corrige?
- 8) Em sua opinião para que servem as provas?
- 9) Você acredita que o processo avaliativo da professora de língua portuguesa o ajuda a identificar dificuldades e a progredir na aprendizagem?
- 10) Como você gostaria de ser avaliado na disciplina de Língua Portuguesa?

Para concluir o questionário, preciso de alguns de seus dados pessoais, mas lembre-se: **não** é necessário identificar-se.

- 1) Idade: ____ anos
- 2) Sexo: () Masculino () Feminino